

A COMUNIDADE SURDA E A LÍNGUA DE SINAIS

ODS (4)

Sandra Aparecida Vitoriano Universidade de Taubaté

Luciana Magalhães Universidade de Taubaté

Roseli Albino dos Santos Universidade de Taubaté

Resumo

Este estudo é um recorte da dissertação intitulada “INCLUSÃO, DESAFIOS E CONQUISTAS EM TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ALUNOS SURDOS: aproximações entre a escola e a Comunidade Surda”, inserida na Linha de Pesquisa Inclusão e Diversidade Sociocultural, da Área de Concentração Formação Docente para a Educação Básica do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. Com o objetivo de realizar um levantamento sobre a Língua de Sinais e sua relação com a Comunidade Surda, pretende-se buscar os principais pontos de encontro e pertencimento do sujeito Surdo, a partir do uso da Língua de Sinais, junto à Comunidade Surda. Como metodologia, adotou-se a pesquisa qualitativa exploratória, utilizando-se a entrevista semiestruturada como instrumento para a coleta de dados. As entrevistas foram realizadas em Libras (Língua Brasileira de Sinais) com cinco ex-alunos surdos que frequentaram a rede de ensino pública de um município do interior do estado de São Paulo. Os dados foram tratados por meio de tradução e transcrição da Libras para a Língua Portuguesa, e o tratamento dos dados foi realizado com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Como resultados, observou-se que a participação ativa da Comunidade Surda é essencial para a inclusão escolar de alunos surdos, promovendo um ambiente mais acessível e enriquecedor. Apesar das barreiras enfrentadas, como a falta de recursos e profissionais capacitados em Língua de Sinais, as contribuições da comunidade foram significativas, especialmente na criação de artefatos culturais e na socialização entre os pares. A ausência de suporte adequado nas escolas limita o acesso à educação inclusiva, mas os esforços da Comunidade Surda destacam a importância de sua valorização e envolvimento nos processos educativos.

Palavras-chave: Comunidade Surda; Língua de Sinais; Libras.

Introdução

A Comunidade Surda, composta por indivíduos que compartilham a experiência de surdez e utilizam a Língua de Sinais como principal meio de comunicação, desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão educacional e social. No entanto, essa comunidade enfrenta diversos desafios, especialmente no campo da educação, onde a falta de recursos adequados e de suporte à Língua de Sinais ainda é uma realidade. A ausência de intérpretes e de professores fluentes nessa língua nas escolas contribui para a exclusão e dificulta o desenvolvimento pleno dos estudantes surdos.

A busca da Comunidade Surda por reconhecimento e pela garantia de seu direito à educação é fruto dos movimentos e lutas que essa comunidade travou ao longo da história, enfrentando diversos períodos de exclusão no contexto educacional. Além disso, a carência de formação adequada para educadores sobre as necessidades específicas da Comunidade Surda reflete um cenário de negligência que precisa ser superado.

A pesquisa contou com a colaboração dos participantes que foram selecionados e convidados para participar da pesquisa considerando-se o seguinte critério: ex-alunos surdos atendidos em sala multisseriada para deficientes auditivos, que foram alunos da pesquisadora no recorte temporal de 1997 a 2010.

Este texto visa discutir a importância da Comunidade Surda no processo de inclusão, e como a Língua de Sinais pode colaborar para o desenvolvimento do sujeito Surdo, bem como da própria Comunidade Surda.

Revisão da literatura

A denominação Comunidade Surda identifica um grupo de pessoas, surdas ou não, que juntas buscam os mesmos objetivos. Como explica Strobel (2009), essa comunidade é constituída também pelos sujeitos ouvintes, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses. A Comunidade Surda está vinculada a uma localização geográfica e às

instituições e locais em que os sujeitos surdos se relacionam e vivenciam a cultura surda por meio de experiências visuais e do uso irrestrito da Língua de Sinais.

Sá (2010) descreve a Comunidade Surda como um grupo vibrante e diversificado que compartilha uma língua e uma cultura visual única. A autora afirma que, por meio da Língua de Sinais, os surdos se comunicam e constroem conexões significativas uns com os outros, criando laços de solidariedade e de compreensão mútua. É um espaço de empoderamento, em que as vozes surdas são valorizadas e celebradas.

A Comunidade Surda, segundo Strobel (2009), é formada por indivíduos surdos que compartilham cultura, língua e identidade próprias. Essa comunidade se apoia na Língua de Sinais como forma de comunicação primária e valoriza a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos os seus membros. Por meio de sua união e da luta por seus direitos, a Comunidade Surda busca o reconhecimento e o respeito por sua singularidade, assim como contribuir para a sociedade.

Para os Surdos e para toda a Comunidade Surda, a Língua de Sinais é imprescindível para que a comunicação e a interação entre os sujeitos aconteçam. É por meio da língua que a cultura, as crenças e os conhecimentos são transmitidos de uma geração para outra.

Um dos principais desafios enfrentados pela Comunidade Surda no Brasil é a falta de acessibilidade. Muitos locais públicos ainda não contam com estrutura adequada para receber pessoas surdas, o que dificulta sua participação na sociedade. Além disso, a falta de intérpretes de Libras em diversos setores, como Saúde, Educação e Justiça, também representa uma barreira para o pleno exercício dos direitos dos surdos.

No entanto, há avanços significativos sendo realizados em prol da Comunidade Surda no país. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência- LBI (Lei nº 13.146/2015) garante direitos e medidas de acessibilidade para as pessoas surdas, como a presença de intérpretes em eventos públicos e o ensino de Libras nas escolas. Essas iniciativas visam promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos os cidadãos.

A Comunidade Surda no Brasil é uma parte essencial da diversidade cultural do país. É fundamental que haja cada vez mais investimentos em acessibilidade e inclusão, para que os surdos possam exercer plenamente seus direitos e contribuir de

forma significativa para a sociedade, pois, de acordo com Keller (2014), a surdez separa as pessoas do mundo dos sons, mas não do mundo das ideias.

Em Bauman (2003, p.7), encontramos que [algumas] “*palavras têm significados, mas outras guardam sensações, e esse é o caso de comunidade*”, pois “*sugere uma coisa boa: o que quer que comunidade signifique, é bom ter uma comunidade, estar numa comunidade*”. No entanto, deve-se descartar a intransponibilidade mencionada pelo autor, pois participam especialmente da Comunidade Surda todos aqueles que buscam interagir com essa população por intermédio da Língua de Sinais, para apreciação das manifestações culturais ou para a vivência delas.

Sendo assim, as considerações sobre a importância da Libras e da Comunidade Surda nos parece fundamental quando abordamos a inclusão e a escolarização de alunos surdos. Discussões relevantes têm acontecido nas últimas décadas no Brasil acerca de como educar e de como tratar crianças com deficiência, como apontam os estudos de Bueno (2004). Vimos, a partir da década de 1960, quando os educandos ainda eram tratados como “excepcionais”, um primeiro passo para o que hoje chamamos de educação inclusiva, como podemos observar no trecho do art. 88 da Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961: “*A Educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de Educação, a fim de integrá-los na comunidade*” (Brasil, 1961, s/p). A partir desse momento, os debates e movimentos pela educação inclusiva têm se alargado e buscado, lei após a outra, garantir a melhoria no atendimento e proporcionar uma educação de qualidade para todos.

Com relação à educação de surdos, um marco histórico para o surgimento das primeiras Comunidades Surdas do Brasil se deu em 1857, com a criação do INES - Instituto Imperial de Surdos-Mudos (Bueno, 2004) pela Lei nº 939, de 26 de setembro de 1857 (Brasil, 1857), que em 1957 passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos. Nesse período, registra-se a vinda de surdos de diversas partes do país para estudarem como internos no Instituto, que posteriormente voltariam para suas cidades e levariam consigo uma Língua de Sinais mais estruturada, bem como conhecimentos para fortalecer as Comunidades Surdas.

Somente no início do século XXI é que se pode vivenciar maiores conquistas para a Comunidade Surda de todo o país, com a promulgação da Lei 10.436, de 24

de abril de 2002, que em seu art. 2º destaca que o poder público em geral deve garantir o apoio e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras - como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente pelas Comunidades Surdas do Brasil. Ocorre, então, o reconhecimento de uma língua utilizada por uma minoria específica, e a lei posteriormente foi regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre as medidas necessárias para sua efetivação.

Observou-se a partir de então maior reconhecimento e valorização da Libras e da Comunidade Surda. Atualmente, as associações de surdos oferecem muitas atividades de lazer. As principais Comunidades Surdas, segundo Monteiro (2006) são:

- Associações de Surdos: uma associação de surdos é criada para reunir pessoas surdas que compartilham interesses, costumes, histórias e tradições em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada ou cedida pelo governo. Essas associações são importantes espaços de encontro para a Comunidade Surda e têm sido fonte de importantes movimentos em prol da causa dos surdos no Brasil.
- Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS): entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com finalidade sociocultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira. É filiada à Federação Mundial dos Surdos.
- Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos (CBDS): responsável por organizar e regulamentar várias modalidades esportivas para pessoas surdas, além de promover competições entre as associações de surdos e outros eventos.
- Federações Estaduais Esportivas de Surdos: promovem intercâmbios de esportes entre as várias associações de surdos do Estado.
- Representantes religiosas: pastorais de surdos, ministério de keiraiaguai, grupos de jovens de igrejas etc.
- Outras instituições: associações de pais e amigos de surdos, associações de intérpretes de Libras, escolas de surdos e outros.

As Comunidades Surdas desempenham um papel fundamental na promoção da diversidade e na valorização da Língua de Sinais. Ao reconhecer e respeitar a cultura surda, podemos criar ambientes mais inclusivos e equitativos. Além disso, a Língua de Sinais não é apenas um meio de comunicação, mas também uma

expressão rica e vibrante de identidade e pertencimento para os surdos. Investir na educação de surdos, incluindo o acesso à Língua de Sinais desde a tenra idade, é crucial para garantir oportunidades iguais de aprendizado e desenvolvimento, capacitando os surdos a alcançarem seu pleno potencial e a contribuir de forma significativa para a sociedade.

Entende-se que a Língua de Sinais é um meio de comunicação visual e gestual utilizado por pessoas surdas para se expressarem e se comunicarem. Segundo Fernandes (2000), especialista em Linguística e Línguas de Sinais, esta última é uma forma completa e autônoma de linguagem, com sua própria gramática e estrutura. Ela permite que os surdos se comuniquem de maneira efetiva, transmitindo palavras, emoções, nuances e informações complexas. Além disso, a Língua de Sinais promove a inclusão e a igualdade, permitindo que os surdos se conectem com o mundo ao seu redor e participem ativamente da sociedade.

Fernandes (2000) também destaca a importância da valorização e do reconhecimento da Língua de Sinais como um patrimônio cultural e linguístico. Ressalta que não se trata apenas de uma ferramenta de comunicação para os surdos, mas também de uma expressão cultural rica e única. Ao promover o ensino e o uso da Língua de Sinais, é possível fortalecer a identidade surda e combater a discriminação e o preconceito. A autora defende que a Língua de Sinais deve ser reconhecida como uma língua oficial em todos os países, garantindo assim o pleno acesso dos surdos à informação, à educação e aos direitos básicos.

Em 1960, depois de muitos estudos, a Língua de Sinais foi considerada a língua natural dos surdos por William Stocke, pioneiro nos estudos dessa área: *“A Língua de Sinais foi reconhecida como língua natural dos surdos, por atingir todos os atributos que o status de uma língua requer”* (Quadros, 2004, p.29).

A Língua de Sinais, assim como qualquer outra forma de linguagem, pode ser vista como um meio de enunciação, conforme conceituado por Bakhtin. Cada sinal não é apenas uma unidade isolada de significado, mas sim um ato de enunciação que carrega consigo uma carga de intenção, contexto e interação social. Da mesma forma que as palavras em uma conversa oral, os sinais em uma Língua de Sinais ganham vida quando são produzidos, refletindo não apenas o conteúdo semântico, mas também os papéis sociais dos interlocutores e os aspectos situacionais da comunicação. Portanto, ao analisarmos a Língua de Sinais à luz do conceito de

enunciado de Bakhtin (1997), podemos compreender sua natureza dinâmica e relacional, enriquecida pela interação constante entre os usuários.

Segundo Bakhtin (1997), o enunciado é uma unidade fundamental da comunicação verbal. É composto por palavras, frases e expressões usadas em um contexto específico e que carregam significados sociais, culturais e ideológicos. O enunciado consiste em uma interação entre falante e ouvinte, em que ambos contribuem para a construção do sentido. É por meio dos enunciados que expressamos nossas intenções, opiniões e visões de mundo.

Aventaram-se, e continuam-se a aventar, outras variantes das funções da linguagem, mas o que permanece característico é não uma ignorância absoluta, por certo, mas uma estimativa errada das funções comunicativas da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se este estivesse sozinho, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal. E, quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor. O enunciado satisfaz ao seu próprio objeto (ou seja, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador. A língua só requer o locutor - apenas o locutor - e o objeto de seu discurso, e se, com isso, ela também pode servir de meio de comunicação, esta é apenas uma função acessória, que não toca à sua essência (Bakhtin, 1997).

De acordo com Bakhtin (1997), assim como na língua verbal, o enunciado em Língua de Sinais é uma unidade comunicativa que envolve gestos, expressões faciais e movimentos corporais. O enunciado em Língua de Sinais também é construído em um contexto específico e carrega significados culturais e sociais. É por meio desses enunciados que os usuários dessa língua se comunicam, expressam suas emoções, compartilham informações e interagem uns com os outros.

Método

Este trabalho pretende colaborar com os estudos que investigam como ocorre a educação de surdos, analisando informações colhidas dos próprios surdos e suas perspectivas sobre Inclusão, Comunidade Surda, Práticas Educativas e Libras. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, o que pressupõe análise e interpretação de aspectos mais profundos da complexidade do comportamento humano. A abordagem qualitativa “[...] fornece uma análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos” (Marconi; Lakatos, 2005, p. 269). A metodologia qualitativa, como apontam Marconi e Lakatos (2005), é amplamente utilizada em pesquisas acadêmicas. Ela se concentra

em uma abordagem científica e sistemática para a coleta e a análise de dados, com o objetivo de obter resultados confiáveis e válidos. Essa abordagem é altamente valorizada por sua rigidez e objetividade na condução de estudos científicos. Portanto, esta pesquisa encontra-se fundamentada em uma metodologia que envolve uma série de etapas, incluindo a definição do problema, a revisão da literatura, a formulação de hipóteses, a coleta e a análise dos dados, os resultados e a conclusão.

Nesta pesquisa foi utilizada como instrumento a entrevista, que, segundo Lüdke e André (1986) se caracteriza pelo estabelecimento de uma relação de interação e influência recíproca entre a pessoa que pergunta e a que responde. Ainda segundo as autoras, a entrevista apresenta grande vantagem sobre outras técnicas de coleta de dados e informações, permitindo imediata captação da informação desejada. As entrevistas foram aplicadas aos cinco participantes, ex-alunos surdos, que participaram da Comunidade Surda e foram escolarizados no recorte temporal de 1997 a 2010. Para encontrar as respostas pretendidas, a coleta de informações desta pesquisa foi desenvolvida por meio da coleta de informações relacionadas a aspectos da problemática levantada. Pretendeu-se desenvolver uma pesquisa qualitativa/exploratória, prezando pela qualidade das informações colhidas pelo instrumento utilizado. Segundo André (2013), o pesquisador poderá utilizar fontes variadas de coleta de dados, utilizando diferentes tipos de instrumentos mais ou menos estruturados e em diferentes momentos e situações.

Resultados e Discussão

A pesquisa desenvolveu-se à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e desenvolveu-se da seguinte maneira:

1ª) Tradução e interpretação integral da Libras para a Língua Portuguesa de cada entrevista, com exceção da entrevista de um aluno que preferiu responder na modalidade escrita do Português. 2ª) Identificação do tema e das categorias com uma análise temática, sublinhando segmentos de texto (tradução) que permitiram a seleção de unidades de significação; 3ª) Utilização de categorias para a análise do corpus das entrevistas; 4ª) Interpretação dos dados, fazendo inferências. Por se tratar de uma coleta de dados que envolvia duas línguas, foi necessário que a tradução e a interpretação das entrevistas fossem classificadas em 3 diferentes situações: a) Ex-

alunos com pouca fluência em Libras – 01 aluno b) Ex-alunos com uso de leitura labial e fluência em Libras – 01 aluno c) Ex-alunos com uso fluente da Libras – 03 alunos Além da Libras, foram usados também recursos como a escrita e a fala oral para os alunos com pouca fluência e com leitura labial⁶. A tradução e a transcrição de uma língua para outra foi realizada pela pesquisadora. Sendo assim, buscou-se encontrar, organizar e categorizar as informações por temas distintos, que auxiliaram na compreensão e na discussão dos resultados. A apresentação dos dados foi organizada da seguinte maneira: um tema central e quatro categorias relacionadas a ele, conforme segue: Tema: A inclusão e a trajetória escolar e social de alunos surdos no recorte histórico de 1997 a 2010. Categorias: 1. As trajetórias dos ex-alunos surdos: características e dados de escolarização 2. As trajetórias escolares dos ex-alunos surdos: indagações sobre a inclusão escolar e a Língua de Sinais no processo educativo. 3. A aproximação dos ex-alunos surdos com a Comunidade Surda: repercussões na vida e na escola. 4. Práticas educativas inclusivas na perspectiva dos sujeitos surdos.

Os resultados da pesquisa revelaram que as trajetórias escolares dos ex-alunos surdos foram marcadas por significativas mudanças, tanto no ambiente físico quanto no desenvolvimento social, emocional e intelectual. Durante esse percurso educacional, as expectativas, os métodos de ensino, o aprendizado da Língua de Sinais e a construção de identidades próprias desempenharam foram fundamentais para o crescimento individual de cada aluno surdo. Ficou evidente o papel da Comunidade Surda no crescimento e no desenvolvimento cultural e linguístico desses indivíduos, o que possivelmente contribuiu de forma positiva para sua escolarização e inclusão.

Este estudo revelou e ratificou o que outras pesquisas mostraram: no que se refere às condições sociais, os surdos frequentemente enfrentam obstáculos significativos devido à falta de acessibilidade e à incompreensão por parte da sociedade em geral. Barreiras como a falta de intérpretes de Língua de Sinais, ausência de recursos educacionais adequados e preconceitos enraizados dificultam a plena integração e participação dos surdos em diversos contextos sociais. Além disso, as dificuldades na comunicação entre os próprios membros da Comunidade Surda também se fazem presentes, especialmente quando há diferenças na fluência da Língua de Sinais ou na adaptação a diferentes variações linguísticas. Essas

barreiras podem impactar a troca de experiências, o compartilhamento de informações e a construção de relacionamentos sólidos dentro da Comunidade Surda.

Esta pesquisa provocou uma ampliação de perspectivas, reforçando a convicção de que a valorização da identidade surda e a implementação de práticas educacionais sensíveis são essenciais para o desenvolvimento pleno dos indivíduos surdos. Por meio de um engajamento contínuo, espera-se poder continuar contribuindo para a construção de um ambiente educacional cada vez mais acolhedor e acessível. Como resultado técnico, foi elaborado um *e-book* contendo contribuições para a inclusão de alunos surdos, oferecendo informações pertinentes às demandas específicas dessa população escolar.

Considerações finais

É inegável a importância de direcionar atenção e esforços para a educação de surdos e para a promoção de sua inclusão, assim como valorizar a Comunidade Surda e reconhecer suas contribuições para o desenvolvimento escolar dos alunos surdos. A Comunidade Surda enfrenta diversos desafios no acesso à educação, sendo um dos principais a falta de recursos e suporte para a Língua de Sinais. Para Sá (2010, p.24), a participação da comunidade surda nos processos educativos para os surdos tem sido impedida. Esta forçada omissão não se justifica, pois é a eles que se destina o processo socioeducativo; não são incapazes patológicos destinados ao alvo que não é naturalmente o seu: tornar-se como o ouvinte (Sá, 2010, p.24). Muitas escolas não oferecem intérpretes ou professores fluentes em Língua de Sinais, o que dificulta a comunicação e o aprendizado para os estudantes surdos. Além disso, a falta de conscientização e de formação adequada para educadores sobre as necessidades específicas da Comunidade Surda também contribui para barreiras no acesso à educação inclusiva.

A Comunidade Surda, contribuiu na inclusão escolar, com grande peso na elaboração de artefatos culturais, na aquisição de conhecimentos da Língua de Sinais e na apresentação de modelos adultos de pessoas com surdez, propiciando grande aprendizado para todos os indivíduos surdos que dela participaram. Durante pelo menos uma década, a participação nos encontros foi assídua e contribuiu muito na socialização entre os pares e na aquisição da Língua de Sinais.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Zahar, 2003

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10436, de 24/04/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art.18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 04 jun.2022.

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Poder Executivo, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 20 abr.2022.

BUENO, J. G. S. **Educação especial Brasileira: integração / segregação do aluno diferente**. 2. ed. rev. São Paulo: EDUC, 2004.

FERNANDES, E. **Língua de sinais e desenvolvimento cognitivo de crianças surdas**. Espaço, Rio de Janeiro, v.13, p.15-20, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos De Metodologia Científica** 1.5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

MIKHAIL, B. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes

QUADROS, R.M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

STROEBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Trabalho de Graduação - Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf Acesso em: 22 out. 2023.